

Sociedade, democracia e futebol

Rogério Rodrigues

Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI, Itajubá, Minas Gerais, Brasil

rogerio@unifei.edu.br

Resumo

Parte da sociedade brasileira se sensibilizou, de algum modo, com o movimento social que se originou com o aumento das passagens dos transportes coletivos em algumas das grandes capitais do Brasil, em junho de 2013. No mesmo período, estabeleceu-se também uma repulsa aos esquemas de corrupção em diversos setores, e um dos principais motivos de crítica foi o que ficou conhecido como sendo o padrão FIFA (Fédération Internationale de Football Association) de estádios de futebol, caracterizado pelo investimento de grandes montantes de dinheiro para a construção de tais locais no modelo capitalista de produção, os quais seguem a lógica do consumo no segmento da indústria do entretenimento. A relevância do tema é que grande parte dessas megaconstruções, por falta de projetos esportivos para utilização direcionada na formação de atletas ou na recreação esportiva da população local, são pouco usadas após a ocorrência do evento central para o qual foram construídas. Portanto, uma sociedade democrática deveria saber priorizar os setores de investimentos para o seu próprio desenvolvimento social e econômico. Parte-se do pressuposto metodológico de base empírica ao se constatar a diferença que ocorre nos grandes investimentos dessas construções daquelas que atendem grande parcela da população, como por exemplo, escolas e hospitais. Conclui-se que no exercício da sociedade democrática todo investimento em prédios e equipamentos deveria estar associado a melhoria da qualidade de vida de toda a população.

Palavras chaves: Futebol; Educação do Corpo; Movimentos Sociais; Política Pública.

Introdução

Parte da sociedade brasileira se sensibilizou e envolveu-se, de algum modo, com o movimento social que se originou com o aumento das passagens dos transportes coletivos em algumas das grandes capitais do Brasil, em junho de 2013.

Em tempos de redes sociais na internet, surgiu um novo tipo de mobilização social que deixou grande parte dos governantes do Brasil perplexos e sem saber o que fazer, pois passeatas eram convocadas pelas redes sociais, mostrando-se pacíficas e sem apoio de partidos políticos. Esse tipo de mobilização social se tornou verdadeiro incômodo no teor da pauta de reivindicações, pois os manifestantes demonstravam repúdio com o modo político de governar o País.

Para aqueles que assistiam a cobertura pela mídia das manifestações, isso tornou-se um verdadeiro espetáculo democrático em que as manifestações sem vínculo político-partidário colocaram-se em ruptura com os esquemas do poder, pois a pauta de reivindicação não poderia ser negociada com supostas lideranças políticas, mas, sim, deveria ser atendida com ações práticas, mais especificamente com o cancelamento do aumento das passagens dos transportes coletivos.

Esse modelo de manifestação questionou a maneira de governar e a falta de projeto político no momento atual do País, já que as lideranças políticas foram impedidas de participarem dos protestos.

As manifestações se repetiram e o Governo se sentiu obrigado em cancelar o aumento das passagens de transportes coletivos. O ponto a destacar nessas manifestações é que, no mesmo período, também tornou-se manifesta uma repulsa aos esquemas de corrupção em diversos setores, e um dos principais alvos de crítica foi o que ficou conhecido como padrão FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) de estádios de futebol, caracterizado pelo investimento de grandes montantes de dinheiro para a construção de tais locais no modelo capitalista de produção, os quais seguem a lógica do consumo no segmento da indústria do entretenimento.

Geralmente, grande parte dessas megaconstruções, por falta de projetos esportivos para sua utilização direcionada na formação de atletas ou na recreação esportiva da população local, é descartada após a ocorrência do evento central para o qual foram construídas e, em alguns lugares do mundo, elas chegam a se tornar completamente obsoletas. Dir-se-ia que um agravante maior é que grande parte desses supostos “espaços

públicos” são construídos com grande parcela de recursos públicos e a lógica de utilização é pautada como sendo propriedade particular. Isso afeta diretamente os ânimos da população, pois caracteriza que o grande montante de dinheiro gasto nas construções desses aparelhos é para atender uma demanda do capitalismo e não propriamente as necessidades básicas da população.

A construção desses aparelhos com retorno direto para a população local deveria estar pautada em projetos educativos que indicassem formas de utilização em seus aspectos mais amplos com diversos projetos que tornariam possíveis o seu uso em termos de ocupação.

O discurso do Governo defende que esses empreendimentos devem gerar um retorno nas áreas social e urbana, pela melhoria da infraestrutura do local onde são aplicados tais recursos. Mas como justificar, por exemplo, as quantias de dinheiro gastas na Copa das Confederações, realizada no Brasil em junho de 2013, que chegam à ordem de, aproximadamente, R\$ 5,5 bilhões, sendo que é possível observar que em diversos estádios as melhorias e adaptações do entorno não foram concretizadas e, até a conclusão deste artigo, ainda havia diversas obras inacabadas?

Os críticos a este modelo associam isso à falta na eficiência da administração do investimento de recursos, que resulta numa ampliação de gastos, no caso da Copa das Confederações, que passou dos previstos R\$ 3.333.400,00 para os declarados R\$ 5.415.000,00. Como explicar essa diferença de mais de 2 bilhões de reais no orçamento previsto? Essa quantia seria suficiente para construir um novo estádio de futebol ou, no conjunto das reivindicações das manifestações, aparelhos como escolas, hospitais, moradias, enfim equipamentos que possam de fato atender as necessidades básicas da população.

A situação dessas megaconstruções se complica ainda um pouco mais quando se prevê que os gastos para a Copa do Mundo, que será realizada neste ano de 2014 no Brasil, com data de abertura em 12 de junho, estão previstos em cerca de R\$ 28 bilhões. Levando-se em consideração a falta de controle nos gastos das contas públicas, seria possível fazer uma previsão do montante de dinheiro que será gasto em termos de bilhões de reais?

Partimos do pressuposto de que uma sociedade democrática deveria saber economizar e, principalmente, priorizar os setores necessários de investimentos para o seu próprio desenvolvimento social e econômico.

Assim, esse movimento popular que esteve por alguns dias nas manchetes como mobilização pacífica colocou em evidência os diversos problemas de gestão pública que incomodou grande parte dos políticos, principalmente, pelo fato de se declarar sem representação política e sem partido político (TRIGUEIRO, 2014).

Isso leva a querer investigar, no conjunto dessa mobilização social como no conjunto do acesso às práticas corporais, como o futebol está sendo envolvido na pauta das reivindicações da mobilização popular.

Pode-se observar que somente uma pequena parte daqueles que se encontram envolvidos com o futebol é que se sensibiliza com esses problemas. Como é o caso das declarações do ex-jogador de futebol e atual deputado federal Romário, que afirma que:

(...) o esporte provoca emoções, e emoções vendem. No futebol, principalmente, sobram emoções e negócios milionários. Até há pouco tempo, Sr. Presidente, os lucros dos cartolas e empresários eram concentrados nas transações de jogadores, direitos de imagem e venda de transmissão dos jogos pela TV. No entanto, a crescente ambição desses empresários se voltou, agora, para o bolso do torcedor. (...) Neste período pré-Copa do Mundo, estamos assistindo, Sr. Presidente, a um fenômeno social-esportivo que nos entristece. Refiro-me à elitização do futebol. O clássico Santos e Flamengo, domingo próximo, em Brasília, pela primeira rodada do Campeonato Brasileiro, é o mais recente exemplo desse fenômeno, que reserva espaço aos mais abastados financeiramente. Os ingressos mais baratos custam R\$160,00 enquanto o mais caro chega a R\$400,00, mais da metade de um salário mínimo. Cabe a clássica expressão: Imagina na Copa! (FARIA, 2014).

Para tanto, parte-se do pressuposto metodológico de base empírica ao se constatar que, além da questão econômica no uso desses equipamentos durante os megaeventos exclusivos a poucos que podem pagar para assistir o espetáculo futebol, isso também aponta a diferença que ocorre nos grandes investimentos entre essas construções (estádios de futebol) e aquelas que atendem grande parcela da população, como, por exemplo, escolas e hospitais.

Essa indignação pode ser analisada a partir das expressões expostas nas faixas e cartazes presentes nas manifestações públicas, que se encontravam nos protestos realizados nos dias dos jogos da Copa das Confederações, em junho de 2013, como: “Hoje é dia de jogo. Vai ter circo... os palhaços somos nós”; “Saúde e Educação? Não! Aqui

tudo é Copa”; “Quando seu filho ficar doente, leve ele ao estádio”; “A alegria do povo é a dignidade humana e não o futebol”; “Esse protesto não é contra a Seleção, mas, sim, contra a corrupção!”.



(Fonte: Google, 2014)

O futebol praticado numa sociedade democrática deveria constituir uma rotina administrativa para todos os dirigentes e os gestores de expor os seus gastos como modo de promover a cidadania. Portanto, o evento Copa do Mundo também seria um momento oportuno para se realizar o exercício da cidadania, na qual toda a população reconheceria os benefícios dos gastos nas obras para realização dos estádios de futebol e seus entornos como um ganho em termos de qualidade de vida para população local.

O Governo vem atualmente mantendo o “Portal da Transparência”, que é um bom exemplo de democracia ao tornar público os seus gastos, mas numa democracia deve-se também avançar em outras esferas mais ainda, ou seja, trata-se de não somente saber o quanto foi gasto, mas, sim, de autorizar os gastos com responsabilidade e como sendo algo de benefício para todo o conjunto da população. Dir-se-ia que esse seria o salto qualitativo para a constituição da democracia no Brasil no aspecto do gasto do orçamento de contas públicas.

Desse modo, fica caracterizado que a gestão esportiva brasileira está perdendo uma grande oportunidade de se firmar no exercício da democracia, pois, neste momento de indignação com as contas públicas, ela teria a grande tarefa de exibir matematicamente para qual finalidade se gasta cada centavo para a realização da Copa do Mundo no Brasil em junho de 2014. E, principalmente, apresentar o futebol como sendo um gosto nacional seria um grande exemplo de cidadania em que todos poderiam reconhecer que o orçamento público foi uma boa aplicação em termos de qualidade de vida para o conjunto da população.

O caminho da Copa como sendo um possível percurso do exercício e construção da democracia

O assunto Copa do Mundo no Brasil em 2014 também rende muitos outros questionamentos quando se entra na questão da qualidade exigida para todos os outros aparelhos públicos no mesmo padrão FIFA de estádios de futebol. Parte-se do pressuposto de que todo o conjunto de equipamentos que cercam essas megaconstruções – que têm tecnologias sofisticadas de catracas eletrônicas, câmeras de vigilância e telões para vídeo de alta definição, entre outras coisas – se torna o foco desses empreendimentos, mas, na realidade, isto é secundário para o bom funcionamento desses aparelhos, uma vez que o elemento primordial é o recurso humano: o indivíduo que ali se apresenta no atendimento ao público é o elemento chave para o funcionamento de toda a estrutura.

Esse ponto da relação entre o homem e a tecnologia coloca em questão o próprio desempenho da qualidade da educação no Brasil, que, segundo a avaliação PISA (*Programme for International Student Assessment*), realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, indica que o Brasil se encontra em grande dificuldade em termos de desempenho educacional, e isso dificulta diretamente o uso e a apropriação das diversas tecnologias que encontram-se incorporadas nas práticas sociais.

Nesse contexto, as relações entre o uso e a apropriação das tecnologias em interface com a educação brasileira encontram-se com baixo rendimento, e isso é um elemento primordial na situação de desenvolvimento social, pois os aparelhos de alta tecnologia só fazem algum sentido com o sujeito que os utiliza. Caso contrário, são causa de mais desperdício de dinheiro, pois se tornam obsoletos nas mãos daqueles que não

sabem usá-los. Neste caso, o que se pode afirmar sobre como os gastos em tecnologias retornam em qualidade para os usuários?

Outro elemento para se destacar é que, nesse modelo de “padrão FIFA de estádio de futebol”, nas novas arenas que têm surgido Brasil afora, para serem compensados os altos valores de suas superestruturas, estão sendo cobrados valores exorbitantes nos ingressos de jogos locais, para não falar da especulação nos preços dos serviços, hospedagem, transporte e alimentação. Tudo indica que, no período da Copa, haverá uma hipervalorização desses valores. Como exemplo de que esses valores vão se encontrar alterados no período de realização de evento Copa do Mundo no Brasil, cita-se a seguir o valor da diária em hotel:

Segundo levantamento do site de comparação de preços de hotéis Trivago, a diária média para casal cobrada atualmente na cidade do Rio de Janeiro é de R\$ 430. No Mundial de Futebol, esse valor chega a R\$ 1.142 – diferença de 165,5%. Nem no Carnaval o preço médio da diária de hotel no Rio é tão alta. De acordo com o Trivago, nessa época o valor médio é de R\$ 865 por dia de hospedagem. (ALMEIDA, 2014).

Isso torna evidente que o espetáculo Copa do Mundo é um evento reservado para poucos que estão dispostos a pagar os seus altos preços. Neste caso, fica novamente a seguinte pergunta: qual a vantagem para a população local da realização desses megaeventos, principalmente, se os aparelhos educacionais e a grande parte dos hospitais encontram-se falidos em termos de atendimento ao público?

O grande problema que afeta os ânimos da população é que, em termos de aplicação de recursos do orçamento para produzir a Copa:

Serão investidos recursos públicos e privados no valor de R\$ 28,1 bilhões. Isso inclui uma série de obras de mobilidade urbana, portos, aeroportos, estádios, infraestrutura turística e serviços que integram um planejamento estratégico do País para ampliar e antecipar recursos para o desenvolvimento da infraestrutura nacional. (...) Do valor total da Matriz de Responsabilidades, que contempla todas as áreas de investimento:
R\$ 8,7 bilhões são de financiamento federal;
R\$ 6,5 bilhões do orçamento federal;
R\$ 7,3 bilhões de recursos locais (governos estaduais e municipais);
R\$ 5,6 bilhões de recursos privados. (BRASIL, 2014).

Assim, torna-se evidente que o maior investidor do evento Copa do Mundo 2014 é o setor público e, portanto, fica em dúvida qual seria o retorno desse investimento para o setor público. Segundo alguns analistas:

A conta é simples: o governo brasileiro irá arcar com todos os gastos para a realização da Copa do Mundo, enquanto a FIFA irá vender os ingressos, os patrocínios para a televisão. Nem a FIFA nem a iniciativa privada estão contribuindo financeiramente para a realização das obras de infraestrutura. (ALVITO, 2014).

Neste caso, fica identificado que o problema não é a Copa do Mundo, mas, sim, como é administrado o orçamento público para a realização das diversas obras do evento. Portanto, o problema central é como a produção desse evento vai construir para melhoria da qualidade de vida da população brasileira e, principalmente, quais os mecanismos para o controle e responsabilidade no gastos do orçamento público para se produzir tal evento.

Conclusão: futebol e democracia

Pode-se concluir que, dentro da lógica do mercado, todo o padrão FIFA de construção de estádios de futebol serve apenas para a manutenção do modelo de consumo do espetáculo de entretenimento, cuja contribuição é duvidosa para atrair ou gerar recursos bem como para melhorar a qualidade de vida da população local. É esse padrão desejado para o conjunto dos aparelhos públicos que atendem a população brasileira?

É preferível optar pela qualidade no atendimento à população com uma simples escolha, que, no caso específico dos hospitais e da escola pública brasileira, se trata do investimento direto na melhoria dos salários como elemento primordial no atrativo de profissionais qualificados para esses setores. Pagar melhores salários para aqueles que enfrentam uma alta demanda da população pelo atendimento é uma opção de política pública, do mesmo modo que foi uma escolha do governo brasileiro trazer esses megaeventos para o Brasil (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos). A sabedoria popular já tem a sua escolha e critica o governo, ao escrever em suas faixas de protesto nas ruas: “Quando seu filho ficar doente, leve ele ao eStádio”.

Uma sociedade democrática se concretiza quando todos os seus espaços são ocupados de maneira a garantir o acesso de grande parte da população. Portanto, os estádios de futebol também deveriam se enquadrar nessa lógica de acesso democrático da população. Outro aspecto importante é que, no exercício da sociedade democrática, todo investimento em prédios e equipamentos deveria também estar associado à melhoria da qualidade de vida de toda a população em todas as esferas, como, por exemplo, saúde,

educação e habitação. No conjunto dessas ações de melhoria da qualidade de vida da população, as construções de estádios de futebol deveriam se apresentar apenas como obras a mais, entre tantas outras, que atendem a todos.

É isso que se espera numa sociedade justa na distribuição da riqueza, ou seja, que o futebol e os espaços destinados para sua prática pudessem servir de exemplo de modelo de gestão administrativa democrática e participativa.

Por falta de resposta a essas questões apresentadas anteriormente, o que se tem assistido, infelizmente, é o agravamento nas manifestações que, desde, aproximadamente, setembro de 2013, tomaram outro rumo na sua configuração. O que se iniciou como protesto pacífico agora se trata de enfrentamento direto com as forças policiais, pois, em quase todas as manifestações, em seu final, assumiram característica de movimento violento, com diversos atos denominados pela imprensa local como “vandalismos”. Inclusive, em fevereiro de 2014, ocorreu a morte de um jornalista de Rede Bandeirantes de Televisão, que fazia filmagens de um protesto ocorrido na cidade do Rio de Janeiro.

Dir-se-ia que nada justifica os denominados atos de vandalismo que ocorrem no momento da realização dessas manifestações, mas é importante destacar que é também “vandalismo” quando o escasso orçamento público é gasto sem critério e racionalidade administrativa. Portanto, o que se pede é um acerto de contas para que isso deixe de ser caracterizado desperdício do dinheiro do orçamento público.

O evento Copa do Mundo no Brasil está prestes a ser realizado, e espera-se que os ares da democracia prevaleçam, que as manifestações pacíficas possam encontrar seus espaços de expressão e, principalmente, que se possa acreditar que sempre será possível a construção de um país em que sociedade, democracia e futebol possam andar lado a lado.

Referências Bibliográficas

ALVES, Márcia da Conceição Pereira. *O índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB): contextos e discursos*. Itajubá: Unifei. 2014 (mimeo).

ALVITO, Marcos. *Entrevista*.

http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=41&cod_noticia=20092, acessado em 17 de março de 2014.

ALMEIDA, Marília. Copa: *"Não devo satisfação a governo"*, diz diretor de associação de hotéis. <http://economia.ig.com.br/empresas/2014-01-30/copa-nao-devo-satisfacao-a-governo-diz-diretor-de-associacao-de-hoteis.html>, acessado em 17 de março de 2014.

MENDES, Marcos & GUIMARÃES, Alexandre . *Quanto custa um estádio de futebol? Ou: ainda temos tempo de economizar 42 Maracanãs*. <http://www.brasil-economia-governo.org.br/2013/06/26/quanto-custa-um-estadio-de-futebol-ou-ainda-temos-tempo-de-economizar-42-maracanas/>, acessado em 10 de março de 2014.

BRASIL, Portal. *Divulgadas estimativas para Copa do Mundo 2014*. <https://webmail.ig.com.br/?task=mail&refresh=1&mbox=INBOX>, acessado em 17 de março de 2014.

FARIA, Romário de Souza. Discursos Proferidos em Plenário. <http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=136.3.54.>, acessado em 17 de março de 2014.

GOOGLE. *Imagens protestos pacíficos contra corrupção*. https://www.google.com.br/search?q=imagens+protestos+pacificos+contra+corrup%C3%A7%C3%A3o&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=00koU87CL8_ukQf2-oHICQ&ved=0CDwQ7Ak&biw=1221&bih=702#imgdii=, acessado em 18 de março de 2014.

TRIGUEIRO, Andre, *Nas ruas, de novo*. <http://g1.globo.com/platb/mundo-sustentavel/2013/06/18/nas-ruas-de-novo/>, acessado em 24 de fevereiro de 2014.

Itajubá, abril de 2014.